

NÚCLEO DE ARTE: TERRITÓRIO DE FISSURAS DECOLONIAIS

Lindomar da Silva Araujo¹

Adilson Florentino da Silva²

INTRODUÇÃO

A colonialidade é um problema que afeta radicalmente os sujeitos que vivem nos países descentrados, em relação à Europa e à América do Norte, numa crise iniciada com o desenvolvimento da modernidade, que ao longo do tempo provoca a reificação e a dispensabilidade da vida humana, gerando formas de opressão e violência nos diferentes contextos da vida cotidiana. De acordo com Anibal Quijano (2009, p. 73), a colonialidade atua pelas estruturas sociais e “é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista”, que apresenta um padrão de controle denominado “Matriz Colonial de Poder” (MCP).

Esta pesquisa parte de uma revisão bibliográfica sobre estudos decoloniais apresentados na disciplina “Epistemologias Decoloniais e Saberes em Trânsito na Pesquisa Teatral”³, na Pós-Graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Essas referências epistemológicas apontam para o Grupo Colonialidade/Modernidade – M/C, que expressam as ideias de Quijano (2014), Mignolo (2008, 2017), Santos (2009), entre outros teóricos. Também se debruça sobre algumas práticas pedagógicas decoloniais, no campo das Artes Cênicas, situadas no Núcleo de Arte Avenida dos Desfiles: espaço de extensão escolar dedicado ao ensino da Arte, que oferece oficinas em diferentes linguagens artísticas. Logo, propõe um diálogo entre as vivências e os registros das aulas de Teatro e de Dança com as teorias decoloniais em estudo.

O recorte de investigação possibilita indagações sobre o currículo *pensadopracado*⁴ no Núcleo de Arte, possibilitando buscar caminhos acerca da seguinte indagação: De que

¹ Mestre em Ensino das Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor de Artes Cênicas na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. RJ. E-mail: plindomar@hotmail.com

² Pós-Doutor em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – MG. E-mail: adilsonflor@gmail.com

³ Disciplina oferecida no 1º semestre do ano letivo de 2019.

⁴ O termo *pensadopracado* vem ressaltar a dupla ação de um currículo elaborado e experienciado pelos próprios sujeitos do/no cotidiano escolar.

forma o Núcleo de Arte desenvolve perspectivas decoloniais, para se desvencilhar das estratégias hegemônicas da colonialidade do poder, do ser e do saber? Logo, a questão apresentada perpassa toda a pesquisa e nos coloca diante de alguns objetivos, sendo eles: identificar perspectivas de um currículo escolar decolonial; verificar quais características do currículo *pensadopracicado* no Núcleo de Arte o tornaria decolonial; e analisar práticas pedagógicas em perspectiva decolonial no campo do ensino das Artes Cênicas.

Realizou-se uma metodologia de revisão bibliográfica das epistemologias decoloniais em diálogo com a observação nas práticas pedagógicas *in loco*. O corpo narrativo da pesquisa contextualiza a colonialidade do poder, com seus padrões de dominação e mecanismos de controle na estrutura social, buscando descortinar indicativos sobre os modos e as características de um currículo decolonial, de forma a lastrear o estudo. No curso das investigações, identifica e analisa perspectivas decoloniais em abordagens pedagógicas, para descobrir e apontar pensamentos “outros” existentes no currículo *pensadopracicado* no Núcleo de Arte Avenida dos Desfiles.

METODOLOGIA

A metodologia de investigação se configurou pela revisão de literatura em cruzamento com as análises e interpretações dos dados referentes aos registros das práticas pedagógicas decoloniais e das entrevistas semiestruturadas com os sujeitos investigados, de forma a perseguir possíveis elucidações acerca do problema de pesquisa. É um estudo de abordagem qualitativa, tendo uma lógica de investigação aproximada ao método hipotético-dedutivo, por conjugar a intuição científica, a formulação de hipótese e uma série de princípios e pressupostos que orientam os acontecimentos, possibilitando a dedução de alternativas para alcançar os objetivos apresentados. Na perspectiva de GIL (2008), durante a análise de dados, em uma pesquisa qualitativa, não existe apenas um modo de proceder e acrescenta: “Embora se reconheça a importância de um arcabouço metodológico sólido, não se pode dispensar a criatividade do pesquisador. Cabe-lhe muitas vezes desenvolver a sua própria metodologia” (p. 177).

A DECOLONIALIDADE NO NÚCLEO DE ARTE

A modernidade apresenta o seu “lado obscuro”: a colonialidade. Uma lógica que acompanha o desenvolvimento da civilização ocidental, afetando as realidades até os dias atuais. De acordo com Mignolo (2017, p.02), a Europa foi o ponto de partida dessa complexa

racionalidade, numa “narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a ‘colonialidade’”.

Na perspectiva decolonial, a lógica que subjaz à retórica da modernidade precisa ser desvelada e desmantelada, num processo de libertação dos colonizados/oprimidos. Um dos caminhos de superação dessa lógica aponta para a desconstrução, análise e reflexão das suas estruturas dinâmicas, responsáveis pela manutenção do controle do poder, do saber e do ser. (QUIJANO, 2009).

Essas três dimensões de racionalidade colonial encontraram na educação meios de instaurar e estabelecer as suas bases, mantendo uma renovação circular de regulação e domínio das estruturas hegemônicas. E, apesar de conviver com os mecanismos de controle da matriz colonial de poder, o currículo escolar vem avançando em lutas emancipatórias, através de práticas pedagógicas crítico-reflexivas, em perspectivas de educação radical defendidas por Freire (1987) e Giroux (1992). Esse movimento educacional, cultural e político de libertação, no cotidiano das escolas, se aproxima com intensidade às epistemologias do Grupo Modernidade/Colonialidade – M/C.

A possibilidade de descolonizar o currículo, nessa perspectiva epistemológica, passa pela superação da colonialidade do poder, do saber e do ser (QUIJANO, 2014), de forma que as práticas do cotidiano escolar se transformem e deem visibilidade a culturas “outras” e conhecimentos “outros”, antes relegados pelo processo de dominação colonial. Existem caminhos que apontam para horizontes decoloniais, em perspectivas epistemológicas de currículos “outros”, para além das fronteiras globais, em percursos que possibilitam articular dimensões multiculturais e interculturalidades (WALSH, 2012; CANDAU, 2016). Entretanto, para se instaurar tais práticas pedagógicas libertadoras é necessário estabelecer a conscientização e valorização das singularidades e dos saberes locais, desprezados até então pelo conhecimento moderno/colonial e mantidos para além da linha global/abissal (SANTOS, 2007).

Dentre avanços no campo do currículo educacional, a abordagem da interculturalidade (WALSH, 2012) coloca luz sobre os efeitos da Matriz Colonial de Poder, provocando novas e diferentes questões acerca dos saberes e fazeres circulados no contexto escolar. De acordo com a pesquisadora Catherine Walsh (2012, p. 69), construir uma interculturalidade crítica “(...) requer transgredir, interromper e desmantelar a matriz colonial que ainda está presente e criar outras condições de poder, saber, ser, estar e viver que se distanciam do capitalismo e de sua razão única”. No contexto decolonial, a interculturalidade propõe a construção de

conhecimentos e poderes sociais “outros”, práticas políticas e formas de sociedades “outras”, que se desloquem dos modelos paradigmáticos através de ações políticas emergentes.

A interculturalidade apresenta-se como estratégia ética, política e epistêmica na perspectiva de Candau e Russo (2010), cujas categorias possibilitam o questionamento da colonialidade nas diferentes esferas da sociedade, inclusive na educação, cujo contexto representa a própria realidade social. Logo, as epistemologias de Freire (1987), nos permitem também pensar a multiculturalidade, como um tear histórico em movimento, para desenvolver a interculturalidade por pensamentos “outros”.

Nesse contexto, apontamos o olhar investigativo ao cotidiano escolar do Núcleo de Arte Avenida dos Desfiles, na intenção de encontrar possíveis práticas pedagógicas “desobedientes”, com “quebra de bases” (MIGNOLO, 2008), adentrando os territórios da decolonialidade. Com isso, perseguimos fazeres e saberes fronteiriços, que assumissem pontos de fuga para além dos conceitos modernos/eurocêntricos, que desvelassem campos epistemológicos latentes, no curso de perspectivas educacionais radicais. Então, desenhamos um território de análise reflexivas, contendo ações cotidianas de ensino de Artes Cênicas, verificando as práticas das oficinas de Teatro e de Dança, para nos debruçarmos sobre os processos e posicionamentos políticos, éticos e epistêmicos, numa dialética com os estudos levantados na revisão bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao focarmos na oficina de Dança, identificamos diferentes elementos de proposição decolonial, sendo eles: a máscara em contextos diversos; o uso da saia para além da questão do gênero preestabelecido; a construção cênica/coreográfica fora dos padrões tradicionais; uso da ação cotidiana e do brincar como elementos estéticos na composição coreográfica, valorizando os sinais proprioceptivos e outras características da singularidade; utilização de músicas regionais e de percussão, fugindo do padrão mercadológico; relação com o público/plateia pela intervenção cênica e processos da cultura popular; e uso da interdisciplinaridade como meio de criação artística.

A outra dimensão do recorte de investigação, direcionou o foco aos processos da oficina de Teatro, que trabalhou os eixos norteadores “escuta”, “corpo” e “jogo”, em abordagens pedagógicas pautadas pelos Jogos Dramáticos e Jogos Teatrais. Nessa perspectiva, também desenvolveu temáticas referentes as culturas grega, indígena e africana, objetivando a decolonialidade dos mitos e ritos, que o currículo escolar tradicional-

eurocêntrico ainda padroniza, apresentando pensamentos “outros”, subjugados pelo conhecimento moderno, colonizador.

Nessa oficina jogou-se luz sobre a construção da peça teatral ou cena performática denominada “Cores da Igualdade”, abordando diferentes temas apresentados pelos próprios estudantes, sendo eles: o racismo, a homofobia, o sexismo e as desigualdades sociais. Um desvelar de direitos e processos de luta contra o sistema vigente, que reflete a ordem da colonialidade do poder, do saber e do ser.

Observa-se, nesse trabalho, uma *práxis* pedagógica de valorização da dialógica entre individual-coletivo, em processos colaborativos, num fazer teatral de denúncia e transformação de realidades. Percebe-se, inclusive, o desenvolvimento de uma estética “outra”, que não parte de uma fórmula preestabelecida, mas de estruturas de pensamentos e caminhos abertos; uma abordagem pedagógica, que aponta para a decolonialidade do saber, do ser e do poder, utilizando a *aesthesis* (MIGNOLO, 2008) como meio de sentir, conhecer e criar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas apresentadas, representam a possibilidade de um caminho à pedagogia radical no ensino da Arte, trabalhando pela interculturalidade e por outros processos de libertação dos sujeitos, no enfrentamento da lógica colonial que se impõe pela colonialidade do poder, do saber e do ser. Percebe-se que o Núcleo de Arte desenvolve uma dinâmica pedagógica deslocada da estrutura rígida das escolas regulares, desvendando processos gradativos à decolonialidade curricular. Essas perspectivas apontam, inclusive, para abordagens pedagógicas “outras”, de valorização das singularidades dos educandos e aos seus currículos ocultos, que também correspondem àqueles saberes culturais deslegitimados pelo pensamento moderno hegemônico.

Nesse estudo, refletimos sobre outros modos e características de criação cênica em sala de aula, por apresentar um certo distanciamento ao modelo “textocêntrico” de trabalhar o teatro e o drama. Da mesma forma, que a criação coreográfica avança ao improviso e liberdade de movimentos, desvinculando-se do modelo “uni-versal” de ensinar a dança, sempre como se estivesse em um palco italiano, unidirecional – de frente ao público. Outra característica, evidente, é a não especificação ou escolha *a priori* de um estilo artístico específico a ser desenvolvido, deixando em aberto à possibilidade diversa de criação, tornando-se uma prática inclusiva, por não limitar os sujeitos a técnicas e padrões estéticos

restritos. Por fim, entendemos que outros caminhos de pesquisa precisam ser abertos, para desvelar processos de aprendizagem, que são invisibilizados pela “monocultura do saber escolar”, de forma a romper com os domínios da colonialidade do poder.

Palavras-chave: Artes Cênicas, Decolonialidade, Núcleo de Arte.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Cotidiano escolar e práticas interculturais**. Cadernos de Pesquisa v.46 n.161 p.802-820 jul./set. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/198053143455>> Acesso em: 01 Jun 2019.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. **Interculturalidade e educação na América latina**: uma construção plural, original e complexa Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/download/3076/3004>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultural**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade**: o lado mais escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 32 nº 94 junho/2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>> Acesso em: 10 Abr 2019.

_____. **Desobediência e epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf>> Acesso em: 15 Mai 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: PALERMO, Zulma, QUINTERO, Pablo (Comp). ANIBAL QUIJANO. **Textos de fundación**. Buenos Aires - Argentina: Editora del Signo, 2014.

_____. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Ed. Almedina, 2009

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. Novos Estudos – CEBRAP, n. 79, São Paulo, Nov. 2007.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas**. Visão Global, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.compitecuador.org/wp-content/uploads/2017/09/Interculturaliad-y-decolonialidad.pdf>> Acesso em 27 Jul. 2019.